CORDEL E DECOLONIEDADE: UMA PRODUÇÃO NO CONTEXTO ACADÊMICO[1]

Taíssa Yasmim Cardoso Rodrigues[1]; Tanara Lima Araujo[2];

Marcela Thaissa Pereira da Silva[3]

[1]Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: taissa.rodrigues@aluno.uece.br

[2]Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: tanara.lima@aluno.uece.br

[3]Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: marcela.thaissa@aluno.uece.br

Introdução

Este trabalho apresenta um relato de experiência acerca da criação de um cordel produzido no contexto acadêmico do curso de Pedagogia. Durante a disciplina História da Educação, a professora propôs que traduzíssemos um texto teórico sobre o tema decolonialidade em linguagem artística. Desafiando os alunos a encontrar formas criativas de adaptar e expressar as discussões feitas em sala de aula, bem como os conceitos que envolvem a decolonialidade, o eurocentrismo, marginalização, opressão, apagamento histórico, entre outros.

Optamos pelo cordel pela sua capacidade de contar histórias de forma acessível. Segundo Menezes (2019), a literatura de cordel tem uma relevância que vai além do entretenimento, atuando como um "tradutor de mundos", ao usar a crítica e o humor para dialogar e interpretar sua realidade, servindo como ferramenta para grupos populares construírem sua identidade, memória e história.

Decidimos prosseguir com esse material com o objetivo de refletir sobre o processo criativo, compartilhar os desafios da tradução de conceitos acadêmicos para a linguagem poética e, sobretudo, documentar essa produção para não ser perdida. Essa iniciativa dialoga com os princípios decoloniais de resgatar narrativas silenciadas que não tiveram a iniciativa ou a oportunidade de serem contadas.

Metodologia

O trabalho fundamenta-se na abordagem qualitativa que segundo Minayo (2002, p.21) "Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]." Além disso, o estudo também conta com elementos de produção textual autoral, que se baseia na ideia de linguagem como prática social (Bakhtin, 1997), entendendo os gêneros discursivos aspectos historicamente situados de interação. Com isso, o cordel surge como um gênero textual que articula a identidade, cultura e a crítica social.

A elaboração deste estudo se deu a partir de um dos métodos de dinâmicas solicitados pela professora da disciplina de História da Educação, em que foi pedido para que em

grupos, elaborassem produções artísticas tendo como base os textos discutidos na disciplina. O trabalho foi desenvolvido por três estudantes, de forma online via meet, em setembro de 2022, baseado na leitura dos textos que abordaram temas como decoloniedade, história e educação. O conteúdo foi sintetizado e revisado pelas autoras da pesquisa, para desse modo seguir com a construção da estrutura de literatura de cordel.

Resultados e discussão

Como fonte principal para a elaboração do cordel utilizamos o artigo "Decolonizar a História da Educação: contribuições teóricas dos estudos subalternos e do pensamento decolonial", de Vitor Sousa Cunha Nery, Cristiane do Socorro dos Santos Nery e Alder de Sousa Dias.

A partir da leitura e compreensão sobre decoloniedade e os estudos subalternos, que oferecem contribuições teóricas e metodológicas, realizamos a construção da produção do cordel autoral. Nomeamos o cordel como "Dos Estudos Subalternos à Decolonialidade: contribuições à História da Educação", seguindo uma estrutura poética de estrofes de seis versos, chamado de sextilha, que de acordo com IPHAN (2018, p.31)

> Sua definição é muito simples: estrofe de seis versos de sete sílabas. A forma mais comum de sextilha é aquela em que os versos pares rimam entre si e os versos ímpares são livres. É representada pelo esquema XAXAXA ou no modelo conhecido como ABCBDB (em que A, C e D são os versos livres, e B, os versos que rimam entre si).

No cordel autoral produzido com base no artigo, há a seguinte estrofe:

Um povo esquecido
Um grupo apagado
Uma nação deixada de lado
Não havendo paz na história
Para um grupo marginalizado
E assim inicia o relato dos subordinados

Optamos em começar o cordel apresentando quem são os povos subordinados, evidenciando em cada verso uma característica deles, destacando a narrativa de que são povos que não possuem voz e que não são vistos. As quais são comumente dialogadas no texto, texto esse que afirma que os subalternos são a representação dos que não conseguem um lugar na sociedade (Spivak, 2010).

Em outra estrofe, é expresso:

A história tem dois lados
Do opressor e do oprimido
Nas cadeiras das escolas
Só um lado é reconhecido
Não desmerecer cada luta de classe
Conceder voz aos excluídos

Na qual se relaciona e crítica que, quando a história se tem mais de um ponto de vista, um dos, vai ser mais favorecido, então não se deve tratar com distinção, invés disso, se deve ouvir com atenção os menos desfavorecidos, não desmerecendo sua classe social.

"A história não pode ser pensada apenas pelo ponto de vista de um único grupo." (Nery; Nery; Dias, 2020, p. 4). Esses versos têm relação com os colonizadores, que exerciam domínio sobre outro território onde já existiam habitantes, que seriam o lado reconhecido, e que atualmente, nas escolas, nos livros tendem a não ser contado o lado daqueles que foram oprimidos, ou daqueles que foram colonizados.

Conforme se destaca no cordel, "Falando de "prosperidade" / Para nações lutadoras / Dominado sua cultura", correlacionando com o eurocentrismo, outro conceito abordado no artigo, em que dialoga sobre os povos colonizadores, estabeleceram a sua cultura e costumes como superior a das nações habitantes, os tratando de forma opressora e os ignorando. No verso "Falando de "prosperidade", as aspas utilizadas servem como ironia, ao fato de que os colonizadores europeus, propagam a liberdade, entretanto ocultavam a dominação perante os povos e sua cultura.

O processo de produção do cordel foi desafiador, pois houveram reelaborações e tentativas na escrita de cada estrofe. As dificuldades se deram pois não possuímos experiências com o gênero textual. Construir as rimas, organizar a métrica e manter o ritmo poético foram os nossos primeiros obstáculos, exigio-se muita leitura do texto e outros cordéis, pesquisa, e várias tentativas até que os versos ficassem mais naturais e fluidos.

Desse modo, o processo criativo não se limitou a apenas versos que rimam, mas se articulou com as experiências formativas, já que a teoria e a prática se entrelaçaram. Sua produção possibilitou vivenciar a escrita como um espaço de construção de conhecimento, criatividade e resistência cultural, pois a escolha do cordel se deu pela tradição popular do gênero literário no nordeste, discutindo de forma crítica por meio dele a decolonialidade.

Conclusões

Este trabalho teve como intuito criar um cordel a partir da leitura de um texto, para o contexto acadêmico, desse modo, permitindo compreender como por meio da literatura de cordel, que é uma forma de produção artística, podemos adaptar como aprendemos o conteúdo, de uma maneira criativa, diversificada e significativa.

A construção do cordel com foco na decolonialidade possibilitou não apenas a compreensão teórica do tema, mas também sua ressignificação. Durante o processo, percebemos que falar sobre decolonialidade envolve questionar as estruturas históricas de poder, criticar e problematizar o conhecimento eurocêntrico e reconhecer e valorizar os saberes e identidades historicamente marginalizadas.

Palavras-Chave: História da Educação; Produção artística; Literatura de cordel.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Literatura de cordel: dossiê de registro**. Brasília: Ministério da Cultura, 2018.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A literatura de cordel como patrimônio cultural. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Brasil, n. 72, p. 225–244, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i72p225-244. Disponível em: https://revistas.usp.br/rieb/article/view/157058. Acesso em: 19 fev. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, Maria das Dores Melo de; LIMA, Célia Maria Barbosa de Moraes; PENHA, Gisela Maria de Lima Braga. A LITERATURA DE CORDEL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DA LEITURA NA SALA DE AULA. TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA (ISSN: 2358-212X), *[S. l.]*, v. 6, n. 2, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/1221. Acesso em: 20 fev. 2026.

NERY, Vitor Sousa Cunha; NERY, Cristiane do Socorro dos Santos; DIAS, Alder de Sousa. Decolonizar a História da Educação: contribuições teóricas dos estudos subalternos e do pensamento decolonial. History of Education in Latin America -HistELA, *[S. l.]*, v. 3, p. e21799, 2020.

Spivak, Gayatri Chakravorty.(2010). Pode o subalterno falar?. Tradução de Sandra R. Goulart Almeida, Marcos Feitosa, André Feitosa. Belo Horizonte, Brasil: **Editora UFMG**.